

Prancha 5

PRIMEIRA SAÍDA DE UM VELHO CONVALESCENTE

Submetido desde a infância às práticas religiosas, é o brasileiro naturalmente levado pela devoção, quando atacado de doença grave, a fazer uma promessa em benefício da igreja, a fim de merecer a convalescença; essa promessa devota é aprovada pelo confessor e o convalescente apresenta-se em cumpri-la imediatamente após a sua cura. Mas, em virtude de um sentimento mundano que se ajunta ao dever religioso, êsse ato de humildade e de gratidão para com o Criador adquire, no homem rico, um caráter de ostentação que eclipsa, diàriamente, aos olhos do povo, a mesma promessa do pobre, cuja oferenda modesta, mas igualmente meritória, apenas se nota ao ser levada ao pé do altar.

Essas promessas consistem em velas, cujo número e tamanho aumentam de acôrdo com as posses do doador, isto é, *desde uma até cem*. O mérito maior para o homem rico consiste em apresentar-se na igreja descalço sob o pêso de seu volumoso presente; quando demasiado enfraquecido, ou menos resignado, fá-lo carregar por um dos escravos que o acompanham. Os pobres, entretanto, pensam ser mais agradável a Deus receber seu módico presente das mãos de uma criança. Mas as dádivas da vaidade cristã não se limitam a simples presentes e, não raro, imóveis importantes são legados por proprietários ricos a certas confrarias. Êsses imóveis reconhecem-se pela inscrição colocada em cima da porta de entrada e que designa a irmandade a que pertencem por herança. Podem-se citar as da *Misericórdia, de Santo Antônio, de São Francisco de Paulo*, e do *Santíssimo Sacramento*, como possuindo ruas inteiras. Em resumo, os santos protetores da humanidade sofredora são mais bem pagos no Brasil do que os médicos, instrumentos imediatos da cura dos doentes.

EXPLICAÇÃO DA PRANCHA

O grupo principal do desenho representa um velho convalescente descendo de sua carruagem e sustentado pela filha e pelo genro ao entrar na igreja descalço, a fim de depositar parte de seu pesado presente, cujo resto é carregado pelo escravo. A dádiva, como em geral tudo o que se oferece à igreja, é tôda enfeitada de fitas.

Num plano mais afastado, mas na mesma escadaria, uma negra, entrando pela segunda porta, segura nos braços uma criança encarregada de entregar a vela prometida. Um pouco mais longe, embaixo da escadaria, uma negra velha indigente antes de entrar com sua vela dá um vintém de esmola a outra mais pobre ainda. Essa verdadeira compreensão da caridade cristã observa-se diáriamente na classe indigente.

SENHORA NA SUA CADEIRINHA A CAMINHO DA MISSA

A *cadeirinha* importada de Lisboa é usada no Brasil como a liteira em França. Servem comumente para as senhoras irem à missa. A *cadeirinha* do Rio de Janeiro é reconhecível pela sua cobertura sempre enfeitada de ornatos mais ou menos dourados, ao passo que a da Bahia, de parte superior lisa, é em geral menor e mais levemente construída, o que se pode observar ainda hoje nas ruas do Rio de Janeiro. Se na capital o uso da cadeirinha só se verifica entre as velhas senhoras brasileiras que não possuem carruagens, o mesmo não ocorre na Bahia; nesta cidade, construída em anfiteatro e pouco favorável à circulação das carruagens atreladas, é necessário, ao contrário, o uso das cadeirinhas para percorrer facilmente as ruas quase tôdas íngremes. Por isso, o habitante da cidade só sai de cadeirinha ou se faz acompanhar por ela caso deseje andar momentâneamente a pé. Aliás, encontram-se em determinadas praças, cadeirinhas de aluguel, como os *cabriolés* em Paris.

A circulação das cadeirinhas de aluguel, preciosas pela vantagem que oferecem de poder entrar em todos os andares térreos com as cortinas fechadas, dissimulando aos olhos dos passantes o sexo e o rosto do visitante interessado em conservar o incógnito, explica-se na Bahia, em grande parte, pela intensidade da vida amorosa.

A cadeirinha do Rio de Janeiro, aqui representada, pertence a uma pessoa rica e de boa sociedade que se faz conduzir por escravos de libré. Pode-se opor-lhe o luxo de algumas mulatas concubinas, que aproveitam os dias de festas para exhibir na igreja todo o ridículo de sua faceirice de mau gosto, em geral desajeitada e exagerada, e que ostentam mes-

mo, nas ruas cadeirinhas suntuosas com coberturas sobrecarregadas de ornatos, de execução muito delicada em verdade, e profusamente douradas; o mesmo rebuscamento dispendioso se verifica nas côres brilhantes das cortinas de veludo ou de sêda sempre agaloadas e enfeitadas com lindos laços de fitas.

A *mulher honesta*, ao contrário, conserva fechadas as cortinas, reservando-se a possibilidade de mostrar-se entreabrindo-as com as mãos. Uma de suas criadas de quarto marcha ao lado da cadeirinha para carregar a bolsa e o livro de missa e transmitir suas ordens aos outros escravos que acompanham a poucos passos de distância.

A cadeirinha, como o balcão, é um palco de faceirice; nela também o primeiro gesto gracioso de uma senhora brasileira consiste em agitar o leque fechado. Quanto mais vivos e reiterados os movimentos, mais amável e condescendente é o acolhimento, sobretudo quando se acompanha de um sorriso afetuoso, hábito que se observa igualmente em Lisboa e Madrid.

Algumas senhoras, para sua distração durante o trajeto, fecham as cortinas de um dos lados da cadeirinha, formando com habilidade à altura dos olhos uma pequena mas deselegante abertura, no intuito de não serem reconhecidas pelos transeuntes.

Finalmente, ao chegar em casa é a cadeirinha despojada de suas cortinas e coberta com uma tela grosseira que a preserva da poeira, durante o tempo em que não é utilizada. Suspendem-na em seguida ao teto do corredor de entrada, bem junto ao muro, a fim de dar passagem aos barris dos negros carregadores de água.

As funções da cadeirinha não se limitam aos curtos passeios; tornaremos a encontrá-la figurando vantajosamente nas diferentes cerimônias religiosas.